

AS CONSTRUÇÕES DO SER “HERÓI”: DIÁLOGOS ENTRE A NARRATIVA CINEMATOGRAFICA E A HISTÓRIA POLÍTICA

Jailson Cavalcante de Andrade ¹

RESUMO

A História é um campo de saber epistemologicamente ambíguo, porque oscila entre a arte e a ciência, entre a imaginação criativa e o verossímil. E, mais ainda, por desejar construir diálogos entre sujeitos de tempos e espaços divergentes. Este olhar retrospectivo que nos remete ao passado e o articula ao presente, caracterizando diferentes modos do fazer e pensar a narrativa histórica. O presente artigo problematiza uma análise histórica e sócio-antropológica sobre alguns aspectos da trajetória política até o velório do Miguel Arraes, ícone da política regional e nacional brasileira. Objetiva-se diluir os conhecimentos adquiridos pautados em pesquisas científicas tão emergidas no universo acadêmico para as aulas de História da Escola Municipal Maria Barbosa de Souza, localizada em Umbuzeiro - PB. Desta forma, utilizaremos o cinema como fator primordial para contextualizar construções identitárias de determinados “heróis” do universo cinematográfico comparando com o Miguel Arraes - “herói-mito” - considerado por determinados sujeitos. A metodologia do trabalho se baseia em revisão bibliográfica e análise historiográfica pautadas nas considerações da Nova História Política (René Rémond et al., 1996; BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique, 1998), abordando de certa forma a História do Tempo Presente e Imediato (vide CHAVEAU, A, TEIART, Phillippe, 2000). Assim, sendo o cinema um difusor de conhecimentos que emerge como um componente cultural aos alunos, conclui-se a -tamanho - experiência enriquecedora de trabalhar a história de um dos personagens políticos por um viés lúdico, reflexivo e dialogativo no ensino fundamental.

Palavras-chave: História política, Cinema, Educação.

INTRODUÇÃO

Interpretar a experiência e a ação dos homens e das mulheres através das múltiplas temporalidades transforma o historiador em um verdadeiro artesão do tempo, capaz de transitar por distintas paisagens sócio-temporais. Independentemente do período histórico abordado, a investigação histórica exige sempre um olhar retrospectivo — um recuo temporal que, mesmo diante de objetos contemporâneos, permite uma análise crítica fundamentada. Nesse sentido, os temas mais próximos e visceralmente ligados à experiência do historiador como sujeito social também se tornam legítimos e fecundos para a reflexão histórica, desde que abordados com o rigor metodológico e a consciência das mediações temporais que os constituem.

¹Pós-graduado em História da Arte pelo Instituto Univitoria EAD LTDA. Possui Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: jailson.cavalcante16@gmail.com



O artigo se inscreve dentro do que muitos historiadores chamam de História do Tempo Presente e História Imediata, pois tais abordagens se voltam a estudar temas que se confundem, virtualmente, com o tempo e o lugar vividos pelo pesquisador. Dito isto, foram desenvolvidos nas aulas de História dos alunos do 6º ano da Escola Municipal Maria Barbosa de Souza, localizada em Umbuzeiro – PB, contextualizações nas construções identitárias de determinados “heróis” do universo cinematográfico comparando com o Miguel Arraes - “herói-mito” - por determinados sujeitos.

No Brasil, a trama política tem sido frequentemente representada pelas mídias e pelo senso comum como um espaço marcado por espertezas, privilégios, corrupção e práticas clientelistas. No entanto, se a política se resumisse apenas a esses aspectos negativos, não teria a legitimidade conferida por grande parte da população que, a cada dois anos, participa do processo democrático por meio do voto, elegendo seus representantes para os poderes legislativos e executivos nos âmbitos municipal, estadual e federal.

A política constitui uma dimensão que atravessa e molda a vida individual e coletiva de toda a sociedade. Ela incide sobre nossos corpos de forma dupla: externa e internamente. Trata-se de uma força que, voluntária ou involuntariamente, nos provoca e interpela, tornando impossível a indiferença ou a neutralidade diante de sua presença. Assim, como afirma Filho (2009), a política atua de maneira ostensiva e visceral, pois, em um movimento de fora para dentro, aloja-se no interior dos nossos corpos, produzindo sensibilidades, desejos, paixões e intrigas.

A política é uma dimensão que nos mobiliza para a ação, pois se constitui sempre numa atividade essencialmente ligada à vida no seu sentido mais amplo e profundo. Dessa maneira, a política não deve ser vista de modo reducionista, pois ela se dimensiona variavelmente em múltiplas direções para afetar as esferas do cotidiano, do lazer, da sexualidade, do gênero, do corpo, do imaginário social, articulando o micro ao macro, o racional ao passional, o público ao privado.

O presente artigo tem como objetivo analisar como se constrói a imagem de um ícone político a partir da articulação entre memória, representações e práticas simbólicas, utilizando ferramentas conceituais da Nova História Política e da História do Tempo Presente. A proposta articula esse conteúdo com a escuta ativa das crianças do ensino fundamental, permitindo que cada uma expressasse sua própria concepção de herói e,



eventualmente, se reconhecesse nessas representações. A intenção foi trabalhar a trajetória de um personagem político relevante de forma lúdica, reflexiva e dialogada, promovendo uma aprendizagem significativa que valorize tanto os saberes históricos quanto as vivências e percepções dos alunos.

Este artigo fundamenta-se nos aportes teóricos da Nova História Política (RÉMOND et al., 1996; BOUTIER; JULIA, 1998), articulando-se também com as abordagens da História do Tempo Presente e do Tempo Imediato (CHAUVEAU; TEILLET, 2000) e com os estudos sobre Cultura Política.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa refere-se à organização e descrição minuciosa dos caminhos adotados para a realização de uma investigação científica. Segundo Sampaio (2022), a ciência é descrita como um esforço sistemático dos seres humanos para compreender o mundo e seus fenômenos através da observação e da experimentação rigorosa. Envolve o conjunto articulado de métodos, técnicas e procedimentos sistemáticos com o objetivo de responder a uma problemática específica ou verificar hipóteses previamente estabelecidas.

De acordo com Bruyne (1991), a metodologia corresponde à lógica que orienta os procedimentos científicos desde sua origem até seu desenvolvimento. Dessa forma, ela não se limita a ser uma simples técnica de mensuração ou um conjunto de ferramentas voltadas à quantificação de fatos científicos. Para o autor, a metodologia tem como função principal esclarecer os propósitos da pesquisa, definir os tipos de dados que serão utilizados que serão aplicadas.

Métodos Científicos

O método científico, por sua natureza, constitui um processo investigativo sistematizado que possibilita tanto a produção de novos conhecimentos quanto a verificação de saberes já existentes, sendo, portanto, uma ferramenta fundamental para o avanço da ciência.

Conforme Barros e Lehfeld (1986) o método científico é a maneira mais confiável para compreendermos cientificamente os fatos que decidimos discutir academicamente.



O método científico é a expressão lógica do raciocínio associada à formulação de argumentos convincentes e, não, numa evidência por uma forma emotiva/particular.

Para a realização da presente pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa, uma vez que se trata de um estudo voltado com múltiplos olhares sobre um determinado contexto histórico desenvolvendo a capacidade crítica sob o viés – para além das narrativas. Quanto ao método de abordagem, utilizou-se o dialético, uma vez que se pretendeu analisar contextos históricos a partir de ideias e práticas. Quanto ao método de procedimento, utilizou-se o comparativo, fundamental para o propósito deste trabalho. O procedimento comparativo possibilitou identificar o conhecimento multidisciplinar entre memória, arte, cinema e ensino.

Tipo de Pesquisa

A pesquisa científica caracteriza-se por ser uma investigação sistemática, fundamentada em procedimentos metodológicos rigorosos, com o objetivo de analisar, compreender e aprofundar o conhecimento sobre determinado objeto.

Segundo Charles (1995) a pesquisa descritiva foca na observação e descrição de fenômenos ou características de grupos específicos, como alunos, professores ou a comunidade escolar em geral. Diante do exposto, em relação aos fins deste artigo, trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva, cujo objetivo central é valorizar os aspectos não mensuráveis relativos às subjetividades dos indivíduos, tais como discursos, representações, sentimentos e memórias em articulação com o ensino de História.

Quanto aos meios de investigação, adotou-se a pesquisa bibliográfica como estratégia metodológica predominante. A pesquisa bibliográfica constitui um alicerce fundamental para o desenvolvimento de qualquer investigação científica, uma vez que possibilita a construção de um referencial teórico consistente por meio do levantamento, seleção e análise crítica das produções acadêmicas já publicadas sobre o tema em estudo.

Procedimentos Técnicos de Pesquisa

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos adotados, utilizaram-se abordagens conceituais e documentais, com o intuito de analisar construções do que vem a ser o “herói-mito” na preservação da memória coletiva.



REFERENCIAL TEÓRICO

O presente artigo está inserido dentro do campo da Nova História Política, que é um campo histórico que vem a surgir por volta da década de 1970-1980 e que tem como um de seus precursores o René Rémond (1918-2007), caracterizado por ser um francês especialista em economia política que vem a “inovar” ou “romper” com a forma de escrever a história política de cunho “tradicional”, conhecida por ser uma história dos grandes vultos e privada a determinado diálogo interdisciplinar.

A política pode-se constituir como atividade ligada a todas as esferas da vida em seu sentido mais amplo, com isso a mesma não deveria ser vista de forma reducionista, unicamente ligada a ações de determinados mandatários, partidos políticos ou governantes, pois a mesma se dimensiona nas mais distintas esferas do cotidiano como a do lazer, sexualidade, do imaginário social, do público ao privado.

Entretanto, a presente pesquisa tem como alicerce teórico a Nova História Política (RÉMOND et al., 1996; BOUTIER; JULIA, 1998), dialogando também com os pressupostos da História do Tempo Presente e Imediato (CHAUVEAU; TEILLET, 2000). Essa abordagem representa uma ruptura com a antiga visão tradicional da história política — aquela que, em determinado momento, foi criticada e até mesmo “crucificada” pelos Annales.

A Nova História Política amplia a compreensão das tramas entre os sujeitos políticos ao incorporar uma visão mais abrangente de poder, métodos, fontes e protagonistas. Essa “evolução” permite ainda um diálogo fecundo com outras disciplinas, o que torna possível a apropriação de conceitos como poder simbólico, imaginário social e representações. A partir da análise desses discursos, imagens e práticas, torna-se possível compreender os mecanismos que sustentam a legitimidade e a consagração de um ícone político.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Cultura Geral (s.d.), a cultura, assim como a arte, configura-se como uma narrativa dinâmica em constante transformação. Além disso, pode ser compreendida como o conjunto de comportamentos adquiridos por meio da aprendizagem social, representando o tecido construído coletivamente a partir das tradições e costumes de uma comunidade. É oportuno salientar que:



“Todos nós adquirimos nossas características humanas em um contexto sociocultural. Essa condição básica da vida humana levou o filósofo espanhol Ortega e Gasset a dizer: ‘Eu sou eu e a minha circunstância’. Isso significa que cada um de nós constrói sua identidade a partir do seu ambiente. ‘Quem sou eu?’ é a pergunta que, mais cedo ou mais tarde, todos nós fazemos. De maneira mais ou menos consciente, nos interrogamos sobre nossa identidade pessoal e percebemos quanto os valores e os comportamentos das pessoas que nos rodeiam e que conhecemos mais de perto influenciam nossas ações e ideias” (Cultura Geral, s.d., p. 21).

Cada indivíduo constrói sua identidade a partir do contexto sociocultural em que está inserido, sendo influenciado pelos valores e comportamentos ao seu redor. Na construção dessa identidade coletiva, alimentada ao longo das gerações, foi sendo forjada a imagem de Miguel Arraes como um herói-mito — um ícone político marcado por tudo o que fez em favor da população.

O líder nacionalista Miguel Arraes de Alencar, que governou o estado de Pernambuco por três mandatos, tornou-se uma figura mitológica no cenário político brasileiro. Sua trajetória está profundamente enraizada na cultura política das décadas de 1950 e 1960, marcada por fortes influências do nacionalismo e do messianismo, características centrais do imaginário político da época.

Conforme Cultura Geral (s.d.), o estudo das sociedades humanas é fundamental não apenas para que conheçamos mais profundamente a nós mesmos, mas também para que compreendamos aqueles que vivem em contextos socioculturais distintos. Nesse sentido, a cultura, formada por tradições, crenças e costumes transmitidos de geração em geração, constitui-se como base para a construção das identidades individuais e coletivas.

Arraes construiu sua carreira apoiado por setores distintos, incluindo membros da elite do PSD, nacionalistas ligados ao PTB, militantes do Partido Comunista e amplos segmentos das camadas populares. Sua ascensão o levou à Prefeitura do Recife e, posteriormente, ao Governo de Pernambuco. Contudo, seu terceiro mandato foi abruptamente interrompido pelo golpe militar de 1964, que resultou em sua deposição e em um exílio de quinze anos na Argélia. Com o processo de redemocratização e a promulgação da Lei da Anistia, Arraes retornou ao Brasil, sendo eleito deputado federal em 1982 e, posteriormente, governador do estado nos anos de 1986 e 1994.

A construção mítica em torno de Miguel Arraes consolidou-se especialmente entre os homens e mulheres do campo, do agreste e dos sertões pernambucanos. Sua imagem política foi fortemente associada à implementação de políticas públicas voltadas



para a melhoria das condições de vida da população rural, o que contribuiu para sua consagração como uma liderança popular de amplo alcance simbólico.

Na memória coletiva desses sujeitos, Arraes é lembrado pelas iniciativas de eletrificação rural e, nas regiões canavieiras da Zona da Mata Norte e Sul, pelo apoio às lutas em defesa da reforma agrária, da sindicalização, da valorização do trabalho e da instituição do salário mínimo. Programas sociais como o *Chapéu de Palha*, criados para oferecer suporte aos trabalhadores durante o período da entressafra, também contribuíram para fortalecer sua imagem como defensor das classes populares.

As estratégias de construção e legitimação da imagem de Miguel Arraes como mito político foram desenvolvidas ao longo de sua trajetória, mas intensificaram-se especialmente após sua morte. A forma como esse evento foi ritualizado revelou-se um acontecimento de natureza político-social, marcado por manifestações simbólicas e afetivas que contribuíram para a consagração de sua figura no imaginário coletivo. Esses rituais de despedida não apenas reforçaram sua imagem como líder popular, mas também o projetaram como um espectro duradouro na cultura política pernambucana, cuja presença simbólica continua a influenciar a memória social e os discursos políticos contemporâneos.

No contexto de seu velório, foi marcante a presença de centenas de camponeses e agricultores usando chapéus de palha, em uma referência simbólica ao líder que viam como herói. Assim, a construção do mito de Arraes se deu, sobretudo, a partir de uma base rural, sustentada por práticas políticas concretas e pela memória afetiva de seus apoiadores.

Narrativas Fílmicas e Heróis Míticos: Percepções e Representações de Estudantes do Ensino Fundamental

Ao utilizar o cinema como elemento central para contextualizar as construções identitárias de determinados “heróis” representados no universo cinematográfico, é possível estabelecer um paralelo com a figura de Miguel Arraes — concebido por determinados sujeitos como um “herói-mito”.

De acordo com Oliveira e João (2019), o cinema introduziu a capacidade de representar a realidade — ou a “impressão de realidade” — em múltiplos tempos e espaços. Através da sua linguagem simbólica e muitas vezes subliminar permite uma



diversidade de interpretações, influenciando significativamente a maneira como os indivíduos percebem o mundo ao seu redor.

Segundo Carvalho (2008 apud Sousa, 2023), o cinema possui uma linguagem essencialmente artística. Além disso, contribui para a ampliação dos horizontes pedagógicos, promovendo uma perspectiva inovadora no campo da educação. Souza (2010) afirma que a utilização do cinema no processo de ensino e aprendizagem em História é relevante na construção da criticidade do sujeito.

A produção fílmica é um recurso para produzir leituras sobre os acontecimentos de um determinado recorte temporal sujeita as interferências culturais de uma dada época. Segundo Sousa (2023), utilizar o cinema como ferramenta pedagógica tem o potencial de ampliar o conhecimento interdisciplinar, na qual possibilita a investigação por meio da análise de fontes históricas, ao promover um diálogo entre imagem e narrativa.

Nos diálogos cinematográficos desenvolvidos nas aulas de História com os alunos do 6º ano da Escola Municipal Maria Barbosa de Souza, localizada em Umbuzeiro – PB, o cinema foi integrado ao ensino histórico de forma articulada às memórias e vivências de cada indivíduo. Essa abordagem buscou promover uma aprendizagem mais significativa, conectando o conteúdo curricular às experiências pessoais dos estudantes.

O ensino de História é, acima de tudo, um exercício voltado à formação de um olhar crítico. Um olhar que reconheça as camadas do tempo nas imagens, nos espaços e nos corpos; percebendo a História não como uma narrativa isolada/restrita, mas como um processo ético nas construções dos seus múltiplos sentidos. Nesse contexto, a proposta pedagógica não se limitou à análise da figura de um e/ou dois herói (s) no cinema, mas buscou uma abordagem ampliada, por meio de aulas expositivas, que considerasse como os alunos se percebiam e se sentiam representados nas narrativas cinematográficas.

O cinema não apenas representa eventos históricos; ele também os interpreta, ressignifica e, muitas vezes, os reconstrói sob diferentes perspectivas. Conforme apontou Sousa (2023) a utilização do cinema como recurso pedagógico vai além do entretenimento, pois promove uma abordagem crítica e investigativa. Ele permite a análise de fontes históricas por meio do diálogo entre imagem, narrativa e contexto histórico na qual foi pensado, contribuindo para a ampliação do conhecimento histórico e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A construção da imagem de Miguel Arraes como herói-mito ultrapassa os limites de sua trajetória política formal, enraizando-se profundamente nas dimensões simbólicas, culturais e afetivas que compõem o imaginário coletivo de boa parte da população pernambucana. Sua figura foi forjada a partir das práticas sociais, das tradições compartilhadas e da memória histórica de grupos sociais específicos — especialmente os camponeses e trabalhadores rurais — que o reconheceram como um defensor legítimo de suas causas.

Nesse processo, destaca-se a relevância do contexto sociocultural na formação das identidades e na produção de lideranças políticas simbólicas, reafirmando que a cultura não apenas molda comportamentos, mas também legitima figuras públicas como representações de valores e lutas coletivas. Assim, a análise do mito político de Arraes contribuiu para a compreensão mais ampla dos mecanismos de construção de identidades sociais e da perpetuação de lideranças no campo da cultura política brasileira.

A utilização do cinema como ferramenta pedagógica no ensino de História revelou-se um recurso potente para fomentar a construção do pensamento crítico entre os estudantes do Ensino Fundamental, possibilitando que eles dialogassem com as múltiplas representações de heróis e refletissem sobre suas próprias percepções identitárias.

A articulação entre imagem, narrativa e memória permitiu não apenas uma aproximação mais significativa com os conteúdos históricos, mas também uma abertura para leituras plurais do passado, reconhecendo o cinema como linguagem simbólica e interpretativa. Nesse viés, ao estabelecer um paralelo entre os heróis ficcionais e a figura histórica do Miguel Arraes, compreendido por muitos como um “herói-mito”, o trabalho contribuiu para ampliar a compreensão dos alunos sobre os processos de construção de lideranças e símbolos políticos no imaginário social. Assim, reafirma-se a importância de práticas pedagógicas interdisciplinares que integrem cultura, linguagem audiovisual e história, promovendo a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

REFERÊNCIAS

AIRES, Luciano Queiróz. **A fabricação do mito João Pessoa**. EDUFPG. 2013.

AIRES, Luciano Queiróz. **Poder, Cultura e Educação em Pernambuco**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.



BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. 3.ed. Trad. Ruth Joffily. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1991.

CARVALHO, Jairo do Nascimento. **Cinema e ensino de história: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula**. In: Fênix: Revista de História e Estudos Culturais. Abril/Maio/ Junho de 2008, Vol. 5, Ano V, nº 2, p. 1-23. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/34> .Acesso em: 01 out. 2025.

CHARLES, L. A. **Como classificar as pesquisas?** 1995. Disponível em: www.ngd.ufsc.br/files/2012/04/ric_CLASSIFICAPESQUISAGIL.doc. Acesso em: 01 out. 2025.

CHAVEAU, A, TETART, Phillippe. (orgs.) **Questões para o Presente**. Bauru: Edusc, 2000.

CULTURA GERAL. Univitoria, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://ava07.eduno.com.br/estudar/21965ffd2e90432fc638edbc4e7b2d22/b01cb8b621334edc831daedcd1944420> .Acesso em: 01 out. 2025.

FILHO, José Adilson. **A cidade atravessada: velhos e novos cenários na política belo Jardimense**. Recife: Comunigraf, 2009.

OLIVEIRA, Rosane Machado de; JOÃO, Maria Thereza David. **O cinema no ensino de história e a influência da indústria cultural cinematográfica**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 6, n. 7, p. 132-151, jul. 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/cinema-no-ensino> .Acesso em: 01 out. 2025.

RÉMOND, René (org.). **A Nova História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

SAMPAIO, Tuane Bazanella. **Metodologia da pesquisa (Recurso eletrônico)** – 1. Edição – Santa Maria, RS: UFSM, CTE, UAB, 2022.



SOUSA, Milena Maria Nascimento. **A utilização de filme no ensino de História em salas de aula do Ensino Médio.** Itapuranga – GO: Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, Unidade Universitária de Itapuranga, 2023. Artigo de conclusão de curso (Licenciatura em História).

SOUZA, Polyana Jessica do Carmo de. **Cinema e ensino de história. Feira de Santana:** Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010.

Um guia para a inicialização científica/ Aidil Jesus de Barros, Neide Aparecida de Souza Lehfeld. – São Paulo: McGraw-Hill, 1986.

